

7

BRASIL DOS VIAJANTES



LEYLA PERRONE-MOISÉS

ALEGRES TRÓPICOS: GONNEVILLE, THEVET E LÉRY



O BRASIL “DESCOBERTO” PELOS FRANCESES

Alguns historiadores franceses do século XIX reivindicaram a primazia de seus compatriotas na descoberta do Brasil; para tanto, apoiavam-se principalmente na tradição oral que indicava um certo Jean Cousin como tendo precedido Cabral em nossas terras. Essa tese teve de ser abandonada por falta de documentos. O que é certo e documentado é que os comerciantes franceses de pau-brasil estão entre os primeiros viajantes chegados a nosso país. Durante todo o século XVI suas naus disputaram as rotas e os ancoradouros com as caravelas portuguesas, e as sucessivas visões do Brasil, registradas por alguns desses navegadores, são documentos de inestimável valor histórico e etnológico.

Dentre esses documentos, distinguem-se três, pela abundância e qualidade das observações neles contidas: a relação de Paulmier de Gonneville (1505), e os livros de André Thevet (1557) e de Jean de Léry (1578). Lembremos, rapidamente, as circunstâncias dessas viagens e as características gerais dos relatos resultantes.

O navio “L’Espoir”, comandado pelo comerciante normando Binot Paulmier de Gonneville, saiu do porto de Honfleur no dia 24 de junho de 1503. Tendo seguido a rota aconselhada pelos dois pilotos portugueses que haviam contratado e assim chegado à altura do Cabo da Boa Esperança, os normandos aí sofreram tempestades seguidas de calmaria, perderam a rota e foram obrigados a rumar para oeste. No dia 5 de janeiro de 1504, aportaram numa grande terra que identificaram como sendo as Índias Meridionais. Sabe-se hoje que se tratava da costa de Santa Catarina, na altura do rio São Francisco do Sul. Ali permaneceram durante seis meses, sendo bem acolhidos pelos índios carijós. Depois de carregar a nau com pau-brasil, plumas, animais e outras raridades, retornaram seguindo a costa brasileira até a altura da Bahia, tendo encontrado, no caminho, índios ferozes (tupiniquins e tupinambás). Quando estavam já próximos da costa normanda, foram atacados por pira-

tas. O navio naufragou com sua carga e apenas 28 homens, dos 60 que haviam partido, conseguiram chegar a Honfleur. Entre esses, vinha Essomericq, jovem filho do cacique carijó e que foi, provavelmente, o primeiro índio americano na França.

A *Relation Authentique du Voyage du Capitaine de Gonneville es Nouvelles Terres des Indes* é um testemunho depositado no Almirantado de Ruão em 1505, obedecendo à obrigação de relatar as viagens de longo curso e visando o ressarcimento das perdas decorrentes do naufrágio. Apesar de seu caráter notarial, o texto é um relato completo, consistente e verossímil, rico em observações sobre a terra encontrada e seus habitantes (1).

André Thevet (1503-92) foi um monge franciscano que, depois de percorrer o Oriente, embarcou com o almirante Villegagnon para fundar a França Antártica, em 1555. Nessa época, Thevet era simpatizante da Igreja Reformada, como Villegagnon. O monge viajante passou pouco mais de três meses na colônia da Baía de Guanabara. De volta à França, renegou qualquer solidariedade com os protestantes e publicou, em 1557, um relato de sua viagem ao Brasil: *Les Singularités de la France Antarctique* (2).

A obra fez sucesso e, graças a poderosos apoios com que contava na nobreza, Thevet tornou-se capelão de Catarina de Médicis e, posteriormente, cosmógrafo do rei Francisco II. O relato é longo e um tanto descosido, freqüentemente sobrecarregado de interpolações e digressões eruditas. Mas é o primeiro a conter uma descrição minuciosa da flora e da fauna brasileiras, e sobretudo dos habitantes do país, os índios tupinambás, aliados dos franceses. A obra foi escrita em colaboração com um helenista e bacharel em medicina, Mathurin Héret. *Singularités* não é o único livro de Thevet, que publicou, entre outros, uma monumental *Cosmographie Universelle* (3), no mesmo estilo heteróclito, característico da literatura geográfica renascentista. Essas cosmografias eram o correspondente, em livro, dos “gabinetes de curiosidades”.

Versando sobre o mesmo assunto (a França Antártica), o livro posterior de outro viajante conheceria êxito editorial ainda maior, êxito que se manteria até os nossos dias. Tra-

LEYLA PERRONE-MOISÉS é professora de Literatura Francesa da FFLCH-USP e autora de, entre outros livros, *Flores da Escrivãzinha e Vinte Luas – Viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil* (ambos pela Companhia das Letras).

1 O texto original da relação se perdeu: existe, porém, na Bibliothèque de l’Arsenal, uma cópia autenticada do século XVII. Ver M. D’Avezac, *Campagne du Navire l’Espoir de Honfleur, 1503-1505 – Relation Authentique du Voyage du Capitaine de Gonneville es Nouvelles Terres des Indes*, Paris, Challamel, 1869; Leyla Perrone-Moisés, *Vinte Luas. Viagem de Paulmier de Gonneville ao Brasil: 1503-1505*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

2 André Thevet, *Les Singularités de la France Antarctique, Autrement Nommée Amérique: et de Plusieurs Terres et Isles Découvertes de Notre Temps*, Paris, Maurice de la Porte, 1557. Trad.: *As Singularidades da França Antártica*, trad. de Eugênio Amado, Belo Horizonte-São Paulo, Itatiaia-Edusp, 1978.

3 *La Cosmographie Universelle d’André Thevet Cosmographie du Roy*, Paris, Pierre l’Huillier e Guillaume Chaudière, 1575.

ta-se de *Histoire d'un Voyage Fait en la Terre du Brésil*, de Jean de Léry (4). Francês nascido na Borgonha, Jean de Léry (1534-1613) era sapateiro e estudante de teologia em Genebra quando Villegagnon solicitou à igreja de Calvino reforços humanos para sua colônia. Léry partiu para o Brasil em 1557, entre os catorze protestantes que acompanhavam os pastores Richier e Cartier. Passou um ano no Forte Coligny, testemunhando os desmandos de Villegagnon e a progressiva desintegração da colônia por querelas internas, desadaptação climática e luta com os portugueses. Durante esse período, Léry conviveu com os índios tupinambás e interessou-se vivamente por seus costumes. Em 1558 abandonou o Forte Coligny, escapando por pouco à ira de Villegagnon.

De regresso à França e tendo-se tornado pastor, Léry viveu de perto os enfrentamentos entre católicos e protestantes. Desencantado com a situação político-religiosa de seu país, Léry voltou a Genebra e dedicou-se à redação das lembranças de sua viagem ao Brasil. O agravamento da guerra religiosa e a tumultuosa vida pessoal de Léry ocasionaram a perda do manuscrito, só reencontrado em 1578, quando foi finalmente publicado. A obra obteve sucesso imediato, como narrativa de aventuras, e foi traduzida em diversas línguas.

Thevet acusou Léry de plágio, e provavelmente tinha razão: muitos trechos da obra do segundo parecem glosar as observações do primeiro, mas com maior talento narrativo e descritivo, além de uma enunciação pessoal que confere ao texto emoção e veracidade. Com relação aos índios tupinambás, o que particulariza a descrição de Léry são seus comentários, reveladores de uma notável abertura para a alteridade e a diferença.

CURIOSIDADES DAQUI E DE LÁ

Desde o pecado original, a curiosidade tem movido os homens. O século XVI foi um período em que a curiosidade humana esteve particularmente aguçada. Condenada por Santo Agostinho como desejo pecaminoso de saber, ou elogiada pelos cientistas como estimulante das descobertas, a curiosidade era então geral. Movidos por ela, marinheiros

lançaram-se em frágeis naus para enfrentar o Mar Oceano e o desconhecido, reis e grandes senhores empreenderam coleções de objetos raros da natureza e da cultura, e os primeiros leitores de livros impressos devoraram os relatos de viagem.

Embora reconhecida como característica dos descobridores, a curiosidade tem sido pouco considerada por uma historiografia de fundamentação predominantemente econômica. Ora, ela foi um motor das grandes navegações pelo menos tão importante quanto a cobiça e o desejo de lucro. É lugar-comum da historiografia considerar que os descobridores da América buscavam riquezas, e que os ameríndios, ingênuos, as forneciam em troca de quinquilharias. Se observarmos de perto essas primeiras trocas, veremos que, de parte a parte, as mercadorias trocadas correspondiam a desejos muito humanos de novidades e singularidades e que, nesse sentido, tanto europeus quanto ameríndios fazia excelentes negócios.

Os relatos dos três navegadores franceses de que aqui me ocupo são ricos de informações sobre as curiosidades recíprocas. Na *Relação* de Gonneville, somos primeiramente informados de que faziam parte da tripulação duas pessoas que viajavam movidas apenas pela curiosidade: Nicole Le Febvre de Honfleur, “que fazia a viagem como voluntário, curioso e personagem de saber” e o senhor Coste, de Hanfleur, “que por curiosidade fazia a viagem”; sem falar de cinco jovens de Honfleur caracterizados como “aventureiros”. O próprio Gonneville, sensato comerciante, revela, em vários momentos de seu relato, um desejo de ver e de saber que independe do lucro final da viagem. Os desenhos que o senhor Le Febvre fizera, retratando as coisas novas vistas nas Índias Ocidentais e perdidos no naufrágio de seu navio, são tão lamentados pelo comerciante quanto as mercadorias afundadas.

Por mais de uma vez, Gonneville observa (como fizera Pero Vaz de Caminha três anos antes) que os índios trocavam coisas de pouco valor por coisas de muito valor. Na verdade, as trocas não eram assim tão desiguais. Os índios, diz Gonneville, trocavam por “pentes, facas, machados, espelhos, miçangas e outras bugigangas, quincalharias e outras

coisas de baixo preço”, “carne e peixes, frutas e víveres, e tudo o que eles viam ser agradável aos cristãos, como peles, plumagens e raízes para tingir”. De ambas as partes, vêem-se objetos com valor de uso (utensílios e ferramentas, cobiçados pelos índios, e alimentos, necessitados pelos europeus) e objetos com puro valor simbólico ou ornamental (espelhos e miçangas para os índios, peles, plumas e tinturas para os europeus).

Tanto nos primeiros relatos de descoberta como na extensa bibliografia posterior sobre o tráfico de pau-brasil, qualifica-se, expressa ou implicitamente, o comportamento dos índios como despropositado, tolo ou incompreensível. Thevet observa:

“Quando os cristãos, sejam franceses ou espanhóis, vão a esses locais em busca de troncos, são os próprios nativos que derubam as árvores e as cortam em pedaços, trazendo-as às vezes de três ou quatro léguas de distância até os navios. Imagine-se o trabalho que têm apenas pelo desejo de ganhar uma simples roupa forrada ou alguma camisa...” (5).

Não ocorre a Thevet e aos outros civilizados posteriores perguntar se enfrentar, como faziam os europeus, os imensos perigos e os sofrimentos da travessia marítima e da convivência com antropófagos, em busca de uma madeira que servirá para tingir tecidos de vermelho, é, em última instância, um comportamento racional, lógico e necessário.

O mesmo Thevet assim comenta a atitude dos índios:

“Outra coisa a respeito dessas pobres criaturas é que elas demonstram grande curiosidade em relação a novidades, apreciando-as enormemente. Afinal de contas, diz o provérbio: *a ignorância é a mãe da admiração*” (6).

Entretanto, quando fala das mercadorias levadas pelos franceses e admiradas pelo próprio rei na Europa – plumas de avestruz e de tucano para fazer bainhas de espada ou ornamentar chapéus (7) –, não percebe que a curiosidade dos europeus com relação a essas

novidades é análoga à daquelas “pobres criaturas” diante das novidades européias.

O amor pelas novidades é tanto que leva os homens a roubar. Thevet diz, em vários momentos, que os índios são ladrões: “Para eles, trata-se de um ato nobilíssimo roubar de nós o que quer que seja!” (8).

E, no entanto, narra mais adiante como ele próprio roubou um chocalho indígena:

“Pela sua singularidade, trouxe comigo um deles (que tive de surrupiar a um selvagem), além de numerosas plumagens de diversas cores, que apresentei ao Senhor Nicolas de Nicolai, Geógrafo Real, pessoa de grande competência, amante de colecionar tanto as antiguidades quanto quaisquer objetos curiosos. Ele mostrou esses presentes ao Rei [...] causou enorme prazer a Sua Majestade o exame daquelas coisas que lhe eram até então desconhecidas” (9).

A curiosidade dos índios é tachada de ignorância; a dos europeus é considerada como decorrente da “grande competência”. Os índios roubam o francês porque “não passam dos mais fingidos e sutis ladrões”; o francês rouba o selvagem por amor ao saber. Na verdade, a admiração é, de parte a parte, filha de uma ignorância anterior que nada tem de desprezível.

Thevet também comenta as trocas efetuadas:

“Como trouxemos, em nossos navios, grande quantidade de fazendas vermelhas, verdes, amarelas, etc., e mandamos fazer casacos e calções sarapintados para trocá-los por víveres, papagaios, pau-brasil, pimenta e outras coisas do país que carregam em geral os nossos navios, vestem eles às vezes calças de marujo, outros somente casacos que lhes chegam às nádegas. Em geral, depois de se contemplar um pouco e passear com a vestimenta, o que não deixava de ser cômico, despiam-se e largavam os trajes em casa até que lhes desse de novo na veneta vesti-los. O mesmo faziam com os chapéus e as camisas” (10).

A descoberta da América foi, assim, um longo período de contemplação mútua, um

4 Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage Fait en la Terre du Brésil*, La Rochelle, Antoine Chuppin, 1578. Trad.: *Viagem à Terra do Brasil*, trad. e notas de Sérgio Milliet, São Paulo, Anchieta, 1941 (sucessivas reedições por Martins/Edusp desde 1972); sobre Léry e Thevet, ver Frank Lestringant, *Le Huguenot et le Sauvage*, Paris, Aux Amateurs de Livres, 1990.

5 *As Singularidades da França Antártica*, op. cit., p. 196.

6 Idem, *ibidem*, p. 144.

7 Idem, *ibidem*, pp. 153-4.

8 Idem, *ibidem*, p. 136.

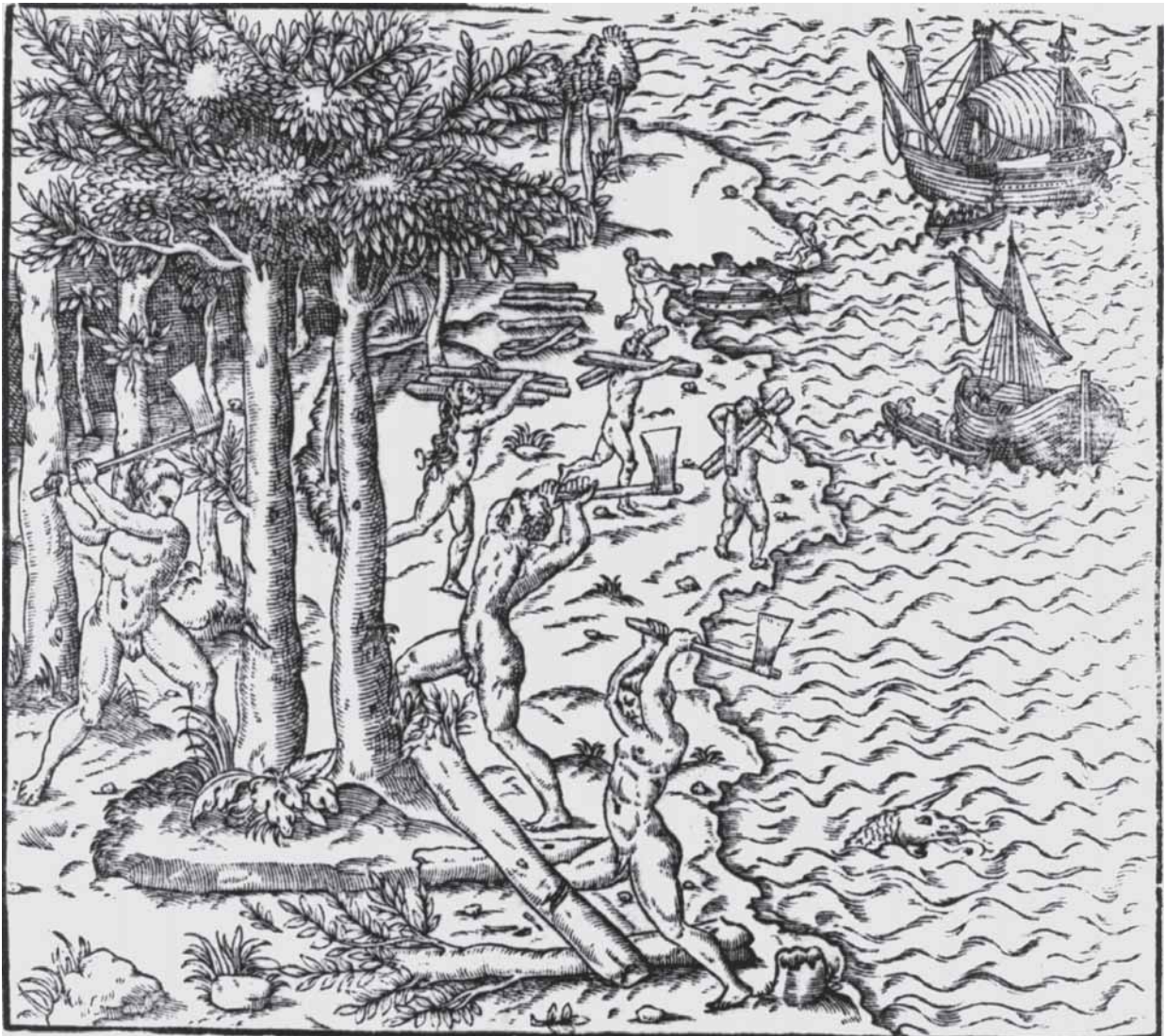
9 Idem, *ibidem*, p. 177.

10 *Viagem à Terra do Brasil*, op. cit., p. 79.

11 Idem, *ibidem*, p. 83.

12 Idem, *ibidem*, p. 163.

13 Michel de Certeau, *L'Écriture de l'Histoire*, Paris, Gallimard, 1975, pp. 288-342.



desfile de modas de lado a lado do oceano, cada povo admirando ou achando cômicos os adereços dos outros. A historiografia das descobertas ganharia pois em reconhecer que os comportamentos humanos têm, freqüentemente, razões que a razão desconhece, e que a antropologia e a psicanálise reconhecem. Curiosidade, divertimento e vaidade são expressões do desejo humano em qualquer latitude e em qualquer cultura, e estas irmanavam descobridores e descobertos.

Léry, em particular, foi um curioso insaciável, o que ele mesmo admitia:

“Durante um ano que passei nesse país, contemplei com curiosidade adultos e crianças e quando me recordo agora desses

garotos parece-me tê-los diante dos olhos; mas não se me afigura possível descrevê-los com exatidão nem pintá-los com fidelidade. É preciso vê-los em seu país” (11).

Uma das cenas mais extraordinárias da *Viagem* de Léry é a descrição de um ritual tupinambá assistido por ele clandestinamente. Movido pelo desejo de “tudo ver de perto”, Léry aproximou-se da oca em que se realizava a cerimônia e “abri[u] com as mãos um buraco para ver a coisa à vontade” (12). O historiador Michel de Certeau comenta essa passagem como sendo a contemplação proibida, e por isso deliciosa, da “cena primitiva” descrita por Freud (13). Razão e sexualidade, saber e prazer unem-se no teatro do Novo

“Como Este Povo Corta e Carrega o Pau-brasil para os Navios”, xilogravura que ilustra o livro de André Thevet La Cosmographie Universelle (Paris, 1575), Biblioteca Municipal Mário de Andrade, São Paulo

“Do Modo como os Selvagens se Alimentam de Carnes e Peixes”, xilogravura que ilustra o livro de André Thevet Les Singularités de la France Antarctique (Antuérpia, 1558), Biblioteca Municipal Mário de Andrade; abaixo, “Índios Tupinambá”, xilogravura do livro de Jean de Léry Histoire d’un Voyage... (La Rochelle, 1578), Biblioteca do IEB- USP



Mundo de modo indissolúvel, aguçando a visão de uma maneira tal que poucas vezes se alcançou na história da humanidade. Sublimados, os desejos podem produzir arte e ciência. O “voyeurismo” de Léry foi o impulso inicial da etnologia.

DOS ALEGRES AOS TRISTES TRÓPICOS

O Brasil desses primeiros viajantes franceses é uma terra de beleza, fertilidade e alegria. A opinião sobre os bons ares, a riqueza e o colorido da flora e da fauna, assim como a boa impressão sobre os habitantes é unânime. Mas em momento nenhum esses viajantes franceses evocam o mito do paraíso terrestre, como fizeram Colombo e outros descobridores (14). A observação atenta de outros aspectos do país e das gentes, em especial a prática da antropofagia, dá a essas descrições a devida compensação, contrapõe o maravilhoso ao real assustador, o bem ao mal.

A visão, realista, é globalmente positiva, e a lembrança levada da viagem ao Brasil é de alegria. Gonneville caracteriza os carijós como “gente simples, que não pediam mais do que levar uma vida alegre sem grande trabalho”. Thevet, mais moralista, condena nos índios a preguiça e a luxúria, mas não deixa de admirar sua aparência saudável e bem proporcionada. Sendo, além disso, dos três, o que fez a viagem menos atribulada, a imagem geral que ele nos dá do Brasil é a de uma terra agradável. Léry, enfim, é o mais fascinado por esses alegres trópicos. Em sua existência sofrida de protestante que vivenciou as guerras de religião, a viagem ao Brasil foi um

intervalo feliz que ele recordaria mais tarde com nostalgia.

Tanto em Thevet como em Léry, encontramos referências àqueles franceses que, seduzidos pela vida nestes trópicos, não quiseram voltar: aqueles numerosos turgimões, na maioria normandos, que fugiram para a floresta, se selvagizaram e, sem deixar nenhum relato, por sua escolha existencial testemunharam eloquentemente em favor dessas novas terras.

Essa boa imagem do Brasil persistiu, através dos séculos seguintes, no imaginário francês. Produziu a teoria do “bom selvagem”, que tão grande papel exerceu no Iluminismo e no próprio ideário da Revolução Francesa (15). A França talvez tenha sido, finalmente, o país mais profundamente marcado pela descoberta do Brasil e dos brasileiros, já que esta transformou profundamente seus conceitos éticos, políticos, pedagógicos e higiênicos. A comparação dos costumes selvagens com os costumes europeus e a valorização dos primeiros como exemplos inspiradores



14 Ver Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do Paraíso*, 3ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.

15 Ver Afonso Arinos de Mello Franco, *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1937.



“Ilha e Forte dos Franceses na Baía de Guanabara”, xilogravura que ilustra o livro de André Thevet La Cosmographie Universelle

para os segundos estão nas obras de Montaigne, Ronsard, Rabelais e repercutem ainda nas de Rousseau e Voltaire. Quanto aos franceses que de fato fizeram a viagem foram, como é geralmente admitido pelos historiadores, os europeus mais atentos à aparência e aos costumes indígenas.

Quatro séculos depois da França Antártica, Claude Lévi-Strauss, munido do livro de Léry que ele qualifica de “breviário do etnólogo”, veio em busca desse Brasil originário. Com a mesma atenção e a mesma abertura de seu longínquo antecessor, Lévi-Strauss descreveu a terra e as gentes. Entretanto, estes eram agora os “tristes trópicos” (16). Os felizes selvagens estavam doentes e próximos da extinção, a terra estava sendo devastada pelo mau uso e pela ocupação desordenada.

Uma comparação da descrição da Baía de Guanabara por Thevet e da mesma baía por Lévi-Strauss demonstra, de imediato, a transformação. A ilha ocupada pelos franceses (atual Ilha de Villegagnon) é descrita por Thevet como “uma ilha muito aprazível, recoberta de enorme quantidade de palmeiras, cedros, paus-brasis e arbustos aromáticos, verdejantes durante todo o ano” (17).

E o Pão de Açúcar, apesar de alguns equívocos, é objeto de admiração:

“Entre as curiosidades do lugar, há ali um brejo ou lago, situado próximo da barra, cujas águas provêm, na sua maior parte, de um rochedo extraordinariamente alto que se ergue na paisagem, em forma de pirâmide, tendo a base proporcional à altura, o que não deixa de ser uma coisa

16 Claude Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*, Paris, Plon, 1955. Trad.: *Tristes Trópicos*, trad. de Wilson Martins, São Paulo, Anhembi, 1957.

17 *As Singularidades da França Antártica*, op. cit., p. 94.

quase inacreditável. O rochedo está exposto de todos os lados às ondas e à fúria do mar” (18).

Já para Lévi-Strauss:

“O Pão de Açúcar, o Corcovado, todos esses pontos tão louvados parecem ao viajante que penetra na baía como tocos de dentes perdidos nos quatro cantos de uma boca banguela” (19).

Sobre a terra brasileira em geral (que ele chama de América), Thevet observa:

“Quanto aos terrenos que se encontram por toda a América, são fertilíssimos, repletos de árvores que dão excelentes frutos, sem exigirem cultivo ou cuidados. Não há dúvida de que se estes terrenos fossem cultivados produziriam maravilhosamente, tendo em vista sua situação, suas belíssimas montanhas e vastas planícies, seus rios piscosos e a grande fertilidade das terras, tanto insulares como continentais” (20).

O que Lévi-Strauss pôde ver, quatrocentos anos mais tarde, foi uma terra devastada:

“Ao redor de mim, a erosão destruiu as terras de relevo inacabado, mas é sobretudo o homem o responsável pelo aspecto caótico da paisagem. Primeiramente, desmoitou-se para cultivar; mas ao fim de alguns anos, o solo, esgotado e lavado pelas chuvas, furtou-se aos cafezais. E as plantações se transportaram para mais longe [...] Aqui o solo foi violado e destruído” (21).

A natureza que Lévi-Strauss viu no Novo Mundo era, segundo ele, “não selvagem, mas decaída”. Toda a visão do antropólogo é marcada pelo pessimismo. Andando sobre as pegadas de Léry, ele se detém numa ilhota da Baía de Guanabara. Chove, chove muito nos trópicos de Lévi-Strauss. Tudo está envolto em bruma, seus pés afundam na lama coalhada de caranguejos, naqueles “paletúvios, dos quais jamais se sabe se a expansão das suas

formas é devida ao crescimento ou ao apodrecimento” (22).

Essa degeneração da terra do Brasil poderia ser atribuída somente a uma tendência negativa do próprio Lévi-Strauss? Ou seriam históricas as razões dessa visão desencantada, característica do homem do século XX? Mas poderíamos continuar perguntando: o viajante do século XVI teria razões pessoais maiores para se alegrar nos Trópicos do que o do século XX? Vistas objetivamente, as circunstâncias históricas vividas por um protestante francês no século XVI não eram mais alegres do que as que cercaram um judeu francês do século XX. O pessimismo de Lévi-Strauss, evidentemente, não é exclusivo dele mas é do homem do século XX em geral e do antropólogo em particular.

A visão desencantada não se deve tanto à efetiva mudança da paisagem, ou à condição de vida dos índios na floresta, ou dos europeus na Europa, mas a uma perda maior do século XX, que é a perda do sentido. Como observa o próprio Lévi-Strauss, “toda paisagem se apresenta inicialmente como uma imensa desordem que nos dá a liberdade de escolher o sentido que lhe queiramos dar” (23). Mais do que a paisagem, mudou, no século XX, o sentido que podemos (ou não podemos mais) lhe dar.

Os primeiros franceses viram uma natureza difícil de dominar, índios que comiam churrasquinho de europeu e, mesmo assim, levaram uma boa lembrança de sua viagem, porque acreditavam que o Novo Mundo poderia ser a salvação do Velho, que ali havia uma natureza inesgotável e um modelo de homem mais livre e mais feliz. Falando de Léry, Staden e Thevet, Lévi-Strauss reconhece, com tristeza, que “o que viram então, nossos olhos jamais perceberão”. Porque eles haviam visto sociedades que haviam atingido “toda a plenitude e toda a perfeição compatíveis com a sua natureza, enquanto as sociedades que podemos estudar hoje – em condições que seria ilusório comparar com as que prevaleciam há quatro séculos – já não são senão corpos débeis e formas mutiladas” (24).

A visão do etnólogo só pode ser pessimista, não apenas porque as culturas ameríndias

18 Idem, *ibidem*.

19 *Tristes Trópicos*, op. cit., p. 78.

20 Thevet, op. cit., p. 98.

21 *Tristes Trópicos*, op. cit., p. 95.

22 Idem, *ibidem*, p. 83.

23 Idem, *ibidem*, p. 54.

24 Idem, *ibidem*, p. 347.

foram destruídas e o pouco que resta está ameaçado, mas porque a própria visão do homem, objeto da antropologia, é, em nosso século, pessimista. Lévi-Strauss, com humor negro, faz o trocadilho *antropologia/entropologia*, isto é, estudo do processo de degeneração. Nesse belíssimo trecho do final de *Tristes Trópicos*, ele prevê o tempo próximo em que “o arco-íris das culturas humanas tiver acabado de se abismar no vácuo escavado pelo nosso furor” (25). A despedida que ele então enuncia – “adeus selvagens! adeus viagens!” – se refere não apenas ao Brasil perdido, mas à perda de todas as diferenças culturais, de suas formas e cores, privação que, em última instância, é a do sentido e da própria razão de ser do homem e de seu estudo. É essa questão fundamental do sentido da antropologia, em última instância o sentido do homem e do universo, que ele ainda interroga em *História de Lince* (1992).

O último livro de Lévi-Strauss se intitula *Saudades do Brasil* (26). É uma coleção de fotos que ele tirou em nosso país entre 1935 e 1939, quando foi professor da USP e descobriu sua vocação de etnólogo. Reiterando o título, o texto que acompanha essas fotos é sucinto e eloquente. As saudades a que se refere o autor são saudades de um Brasil que, embora já degradado, parece um paraíso se comparado ao de hoje. Algumas das tribos que ele fotografou já não existem mais, e a São Paulo que ele reviu meio século depois, em 1985, se transformara no “inferno paulista” (a expressão é dele).

As saudades de Lévi-Strauss se transformam então em denúncia e advertência. O Brasil perdido não é só o dos índios, a culpa e o desastre não são apenas brasileiros. É a civilização ocidental que, depois de destruir outras culturas, está destruindo a si própria:

“Expoliados de nossa cultura, desprovidos de valores que prezávamos – pureza da água e do ar, graças da natureza, diversidade das espécies animais e vegetais –, todos nós índios agora estamos fazendo conosco o que fizemos com eles” (27).

Numa entrevista concedida por ocasião do lançamento desse livro, Lévi-Strauss fala

de Léry e aponta um paralelismo entre sua vida e a do viajante seiscentista:

“Léry partiu para o Brasil aos 22 ou 23 anos; eu tinha 26 quando iniciei a mesma viagem. Léry esperou 18 anos antes de redigir sua *Viagem*; eu esperei 15 antes de escrever *Tristes Trópicos*. No intervalo, durante esses 18 anos para Léry, e 15 para mim, o que aconteceu? Para Léry, as guerras de religião, as desordens de Lyon, de Charité-sur-Loire, o cerco de Sancerre – que ele viveu e sobre o qual escreveu um livro. Para mim foi a Segunda Guerra Mundial e também a fuga de perseguições” (28).

Mas a grande semelhança, que por modestia ele não aponta, foi a capacidade que ambos tiveram de ver o Brasil e seus habitantes, de serem transformados por essa viagem e de tirar dela uma reflexão sobre sua própria cultura e sobre o homem em geral.

Apesar de toda a melancolia que já marcará sua primeira viagem à terra do Brasil, Lévi-Strauss também teve então o seu momento Léry. Foi quando, misturado aos nhambiquaras numa noite profunda, ele presenciou aquela “miséria animada de cochichos e de risos”, e viu nas carícias dos casais “a mais comovedora e verídica expressão da ternura humana” (29). Em toda sua extensa obra, este é um dos poucos trechos em que ele afirma uma *verdade* humana. Não foi na Ilha de Villegagnon que o etnólogo conseguiu sentir o que sentira Léry, mas nessa noite nhambiquara, perfeita equivalente daquela noite tupinambá em que o protestante presenciou o ritual e deixou-se invadir pela beleza dos cantos e pelo mistério dos sussurros. Michel de Certeau diz que “alguma coisa do próprio Léry não voltou de lá” (30). Alguma coisa de Lévi-Strauss também nunca voltou dessa viagem ao Brasil, e é nessa coisa que se funda, apesar de tudo, o trabalho do etnólogo e a esperança do homem.

O Brasil dos viajantes encanta e dá saudades. Mas é urgente que, ouvindo a lição de Lévi-Strauss, não nos deixemos embalar pela nostalgia incosequente e tomemos consciência de que a perda desse Brasil é a nossa própria perda como cultura e como espécie.

25 Idem, *ibidem*, p. 443.

26 Paris, Plon, 1994. O livro será em breve publicado aqui pela Editora Companhia das Letras.

27 Idem, *ibidem*, p. 19.

28 *O Estado de S. Paulo*, 13 de novembro de 1994, p. D2.

29 *Tristes Trópicos*, op. cit., p. 311.

30 Michel de Certeau, op. cit., p. 237.